

Brasil volta a abrir os olhos para Geraldo de Barros

Pioneiro da fotografia abstrata ganha mostras no Sesc Pompéia e na galeria Brito Cimino, além de um documentário na TV Senac, livro e show. Filha do artista doa 40 imagens para Sesc Belenzinho

Com alguns negativos nas mãos, Geraldo de Barros fazia a festa: ao recortar, furar, colar, sobrepor, solarizar e pintar com nanquim sobre eles se tornou o pioneiro da fotografia abstrata no Brasil. Mais: foi dele a contribuição decisiva para que a fotografia, no País, adquirisse o status de obra de arte.

Mas a sinuosa trajetória desse artista não se resume às suas inovações fotográficas. A partir de hoje, a abertura de duas exposições (Sesc Pompéia e galeria Brito Cimino), o lançamento de um documentário (*Sobras em Obras*, de Michel Favre), um livro (*Fotoformas*, pela Prestel) e um show (de Peter Scherer, ex-Ambitious Lovers) são provas de um percurso multifacetado que, além de fotógrafo, fez dele artista plástico, pintor, designer gráfico e desenhista industrial.

Versátil (irregular, dizem alguns críticos), sua importância para a modernização das artes brasileiras é inegável. Geraldo de Barros (1923-1998) foi um dos protagonistas do movimento concretista brasileiro nos anos 50, flertou com o pop nos 60, instituiu uma fábrica de móveis com programática socialista (a Unilabor), retomou nos 80 as experiên-

cias concretas (agora com fórmica) e, em 1996, voltou animado às suas fotomontagens.

Seu trabalho fotográfico, contudo, passou anos no limbo. Ficou escondido do público por mais de quatro décadas, até 1994, quando o MIS sediou *Geraldo de Barros, Fotógrafo*, mostra da célebre série do final dos anos 40, *Fotoformas*. Antes disso, a última reunião de suas fotos no Brasil havia sido em 1951, no Masp, a convite de Pietro Maria Bardi.

Sobre as *Fotoformas*, escreveu o artista plástico suíço Max Bill, em 1994: "Suas imagens, 40 anos depois, conservam sua força inicial, a imaginação que as elaborou, o método moderno que as engendrou".

Vanguarda e Brassai

Entretanto, o "resgate" da obra fotográfica de Geraldo começou um ano antes dessa exposição no MIS. Como de costume, no exterior. Em Lausanne, na Suíça, o Musée de L'Elysée (um dos mais importantes museus de fotografia da Europa) foi apresentado à obra de Geraldo por intermédio de sua filha Fabiana de Barros, artista plástica que reside em Genebra.

O diretor da instituição à época, Charles-Henri Favrod, gostou tanto do trabalho que resolveu patrocinar o restauro das 370 imagens de *Fotoformas*, ao custo de US\$ 60 mil. O Elysée é agora o responsável pela conservação de parte dessas imagens.

Em entrevista ao JT, por telefone, o atual curador-chefe do museu suíço, Daniel Girardin, explicou por que o Elysée abraçou a obra de Geraldo: "Foi extraordinário encontrar aqui no



UM OLHAR: Geraldo de Barros finalmente é homenageado à altura no Brasil

Brasil um artista que pesquisasse a abstração na fotografia de maneira tão original. Nos anos 50, Geraldo de Barros caminhou lado a lado com a vanguarda europeia. É só olhar, por exemplo, a obra de Brassai". Girardin participa amanhã, às 10h30, de uma mesa-redonda sobre a obra de Geraldo de Barros, no Sesc Pompéia, ao lado do diretor de fotografia do Ludwig Museum de Colônia, Reinhold Misselbeck.

Mas a coqueluche das festividades em torno de um dos nomes fundamentais do movimento concretista brasileiro é a série *Sobras*, experimentação radical de destruição-reconstrução do negativo fotográfico.

Mais uma vez, foi uma instituição europeia que jogou peso para que o público pudesse ver as ampliações desses negativos. Neste caso, muita gente, já que *Sobras* vai correr o mundo. O percurso — que começou em Colônia (Alemanha) e chega hoje a São Paulo — segue para a Suíça (Lausanne e Zurique), Alemanha (Berlim), Áustria (Krems) e

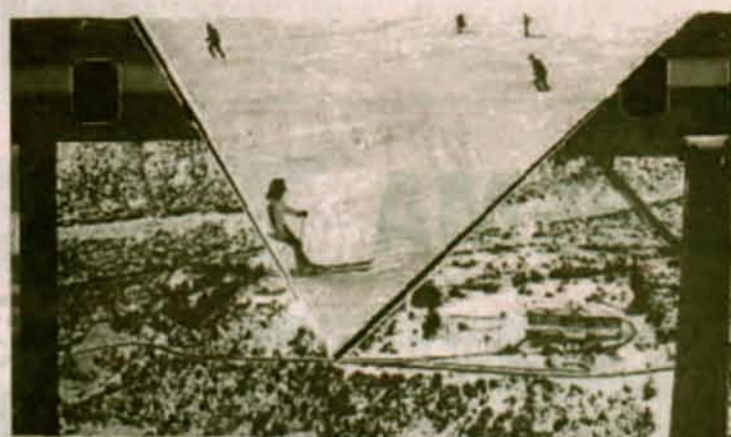
França (Grenoble). A cereja do bolo, a consagração desse testamento fotográfico de GB, será a chegada de *Sobras* ao Museu de Arte Moderna de Nova York, o MoMA, prevista para 2001.

Entre luz e sobras

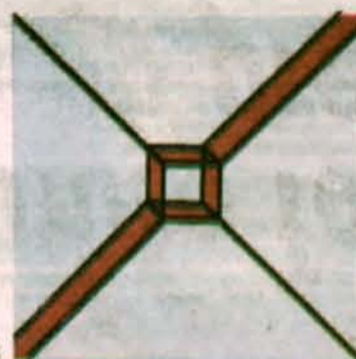
A partir de 1996, já parcialmente paralisado em decorrência de três isquemias (baixa irrigação sanguínea) no cérebro, que o atacaram em 1979, 1986 e 1989, entrou de cabeça no próprio passado e recolheu fotografias inéditas de seu arquivo pessoal, como viagens e reuniões em família. "Ele não suportava deixar imagens à toa", conta Fabiana de Barros.

De volta do mergulho à sua memória afetiva, Barros surgiu à tona com estranhas imagens, esmaecidas e retalhadas, mas sempre desafiadoras.

Com a ajuda da fotógrafa Ana Moraes, montou, sobrepôs e colou as antigas imagens sobre uma pequena placa de vidro (7 cm x 6 cm), dando à luz um novo negativo. Saldo: cerca de 250 foto-



CORTE NO NEGATIVO: foto da série 'Sobras', o trabalho derradeiro



CONCRETO: a galeria Brito Cimino reúne cinco décadas de produção e inclui sete pinturas da fase concretista do pintor



RUPTURA: ele também assinou o manifesto 'Ruptura', em 1952, e queria levar a arte moderna a um número maior de pessoas

montagens, as *Sobras*. Ele é um dos pioneiros, no mundo, nesse processo, que já fora usado em *Fotoformas*. Escolhidas por Reinhold Misselbeck, 66 *Sobras* integram a mostra que estreia hoje no Sesc Pompéia.

Não há saudosismo nessas

obras. A lâmina que cortou os velhos negativos também partiu o passado em pedaços. Apesar de a matéria-prima para *Sobras* vir de há muito tempo, o resultado são recriações contemporâneas.

Fernando Oliva



PASSADO E PRESENTE: o diretor Michel Favre recriou o percurso de GB

Vernissage terá show de Peter Scherer

Geraldo de Barros (1923-1998) passou décadas de mal com a câmera. Seu interesse pela fotografia despontou quando tinha 23 anos, em 1946, mas durou pouco. Cinco anos e 400 imagens depois, diz ter esgotado as possibilidades de experimentar com fotografia. Dedicou-se então às artes plásticas e ao desenho industrial, período que se encerrou em 1995. Geraldo de Barros morreu em abril do ano passado vítima de embolia pulmonar.

Só no fim da vida ele voltou à paixão da juventude e produziu a série *Sobras* a partir de negativos encontrados em fundos de gavetas por sua filha Fabiana.

Quando à série *Fotoformas*, Fabiana revelou ontem que vai doar para o Sesc Belenzinho 40 imagens feitas no Tatuapé.

As homenagens para o artista incluem um exposição na galeria Brito Cimino (Rua Adolfo Tabacow, 144, tel. 822-0634).

A mostra abre na segunda (dia 8, às 20h) e perpassa cinco décadas de produção, dos anos 40 aos 90: a série *Fotoformas*, pinturas do período concreto e da fase pop; obras em fórmica sobre madeira do anos 80; móveis Unilabor e Hobjeto.

O vernissage de *Sobras*, hoje, no Sesc Pompéia (Rua Clélia, 93, tel. 3871-7777), inclui um show do músico Peter Scherer, ex-Ambitious Lovers, a partir das 21h.

Na TV Senac

O diretor de cinema suíço Michel Favre criou o documentário *Sobras em Obras*, que teve pré-estreia na 23.ª Mostra de Cinema e será exibido no dia 3 de

dezembro, às 21h30, na TV Senac (canal 3/NET). Favre, marido de Fabiana de Barros, contrapõe no filme a trajetória artística de Geraldo de Barros e a história do Brasil. Para falar sobre o contato pessoal com Barros, o fotógrafo Thomas Farkas, o crítico de arte Paulo Herkenhoff e os artistas plásticos Wesley Duke Lee e Nelson Leirner, entre outras personalidades, dão seus depoimentos. A produção é de Cláudio Kahns, da Tatu Filmes.

A editora alemã Prestel lançou um catálogo trilingue (português, alemão, inglês) que abrange todo o percurso fotográfico de GB (*Fotoformas* e *Sobras*) em mais de cem imagens.

O megaevento Geraldo de Barros tem patrocínio do Ministério da Cultura da Suíça, Estado de Genebra, consulado geral da Suíça em São Paulo, TV Senac, Itaú Cultural, Instituto Goethe e Secretaria de Estado da Cultura. A realização é do Sesc São Paulo.